

HISTÓRIA DE ALEXANDER LOWEN

PARTE II



POR GEFERSON EUSÉBIO - JORNALISTA E CBT EM ANÁLISE BIOENERGÉTICA

Em nossa primeira abordagem histórica sobre a vida de Alexander Lowen, pai da Análise Bioenergética, nos debruçamos sobre sua ancestralidade, com um intuito de deslocar o olhar para além dos limites que a própria historiografia contada pelo próprio personagem nos mostra, trazendo uma trajetória baseada numa diáspora russo-judaica, com seus pais como migrantes para uma Nova Iorque ainda em ascensão e com todas as contradições e implicações que aquele período da história atravessava.

Para esta segunda parte, o objetivo é olhar para uma biografia de Lowen que lhe escapa, que está no não dito e em sua descrição sobre os impactos de como Wilhelm Reich e sua terapêutica centrada no corpo moldaram sua consciência, suas ambições por meio das questões analíticas e suas omissões ao falar do mestre, que lhe introduziu para algo que mudou toda sua vida, como afirmou muitas vezes.

Para nos situarmos no tempo histórico, é necessário compreender um pouco acerca deste encontro entre Lowen e Reich à luz de um período no qual se desenrolava o mais sangrento combate entre os homens que o mundo já presenciou e que reverbera até os tempos atuais. O que chama a atenção no relato bibliográfico de Lowen, em seu “Uma vida para o corpo”, é que ele quase não fala sobre este período histórico. O desfecho do seu convívio com Reich é relatado como um passagem bastante simplista, sem emoção, afeto ou a intensidade que ele relata ter vivido a partir das consultas com o médico e psicanalista austro-hungaro, na década de 1940. Não é considerado, por exemplo, o fato de estar frente a um exilado político, que tinha como motivo central de estar nos Estados Unidos ter sofrido perseguição por nazifascistas. Todo o ambiente à sua volta é descrito com certa frivolidade, de forma bastante amena e como se tais fatos históricos até fossem corriqueiros.

Essa postura poderia, é verdade, nos levar a supor certa censura se falar sobre determinados temas dentro dos próprios Estados Unidos, mas manter um relato tão superficial de todo o contexto social da época numa biografia escrita já depois de muito tempo sugere não haver um envolvimento emocional nos fatos.

Um pouco mais de história

A intenção aqui é situar o leitor que nos acompanha a partir de uma breve pesquisa a respeito da época de dois grandes acontecimentos: o pós-guerra na Europa, especialmente a questão da Suíça, local escolhido por Lowen para sua formação em medicina, e a não citação do período que ficou conhecido como “Macartismo”, nos Estados Unidos, que justamente vitimou a principal influência de Lowen, o médico, psicanalista e cientista Wilhelm Reich.

Na biografia, Lowen deixa de comentar porque escolheu a Suíça para sua formação em medicina, quando se sabe que essa foi uma exigência de Reich e também identificada pelo próprio Lowen para se apropriar de todo o aprendizado das técnicas reichianas.

Vale-nos lembrar, de acordo com diversas pesquisas sobre aquele período, que havia uma hegemonia norte-americana em curso, principalmente acerca dos deslocamentos por todo o planeta,

O final da Segunda Guerra Mundial produziu um ambiente favorável para que a hegemonia estadunidense incidisse sobre a questão dos deslocamentos populacionais no plano global. Da gestão dos campos de refugiados na Alemanha, Áustria, Itália e Grécia à inserção destes migrantes em várias regiões do planeta, encontramos a presença norte-americana em vários momentos desse processo. Deslocamentos de navios militares norte-americanos, financiamento de organizações multilaterais como a Organização Internacional de Refugiados ou o Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias e principalmente o interesse no desenvolvimento capitalista da periferia do sistema. Esta comunicação tem por objetivo relacionar as migrações internacionais do pós-guerra como uma dimensão da hegemonia estadunidense no período e também como um aspecto importante da questão da globalização.

(MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: A INFLUÊNCIA DOS EUA NO CONTROLE E GESTÃO DOS DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS NAS DÉCADAS DE 1940 A 1960 - ODAIR DA CRUZ PAIVA. Professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília).

Na autobiografia, Lowen destaca o valor do dólar perante à moeda local, que havia se desvalorizado bastante e permitia que o dinheiro norte-americano pudesse lhe proporcionar algumas grandes regalias para a época, como a aquisição de

um automóvel e depois a possibilidade de morar em uma zona rural mais privilegiada - “éramos chamados de americanos ricos”.

A migração de Lowen para a Europa se deu após negativas que lhe permitissem concluir seu curso de medicina na Universidade de Nova York. Mesmo com Lowen atuando em uma disciplina de anatomia e ser um dos responsáveis por um laboratório na instituição, em seu relato ele aponta que o preenchimento de um dos formulários para requerer uma vaga no curso poderia ter causado tal empecilho, pois neste ele assinalou sua intenção de exercer a medicina devido ao seu aprendizado com Wilhelm Reich.

“Para minha surpresa, fui chamado apenas para uma entrevista. Soube por esse entrevistador que minha idade (32 anos) pesava contra minhas aspirações; segundo ele, os alunos mais jovens, que teriam mais anos para o exercício da prática médica, constituíam um melhor investimento para a faculdade... Pensando hoje sobre o assunto, acho que foi um erro mencionar Wilhelm Reich e meu interesse especial por seu trabalho... a medicina era ainda menos aberto naquela época”. (p. 67)

Voltando à Suíça e o contexto europeu da época, embora citado por Lowen de forma discreta, estamos falando de um país que é:

“oficialmente reconhecida como neutra desde 1815, data da assinatura do Tratado de Viena. O princípio de neutralidade, advindo da necessidade dos cantões de manter a soberania, moldou a Suíça como a nação que conhecemos hoje; desde a manutenção de seu território, passando pelos (há até pouco tempo) invioláveis sigilos bancários, e chegando ao abastecimento bélico das diferentes nações envolvidas em conflitos internacionais – garantido pelo direito de neutralidade.”

(A neutralidade suíça em xeque nas obras de Christian Kracht e Friedrich Dürrenmatt - Valéria Sabrina Pereira)

Talvez essa concepção quase que idílica da Suíça tenha ajudado com que Lowen mal mencionasse algum tipo de infortúnio no pós-guerra europeu para além da falta de água, em algumas ocasiões ou a falta de um item básico de forma prolongada. Como descrito em alguns textos sobre aquele país, mesmo nos tempos dos conflitos europeus à beira de suas fronteiras, os bombardeios no norte da Itália eram o que mais próximo chegava até sua população - que de certa forma não teria vivenciado os maiores males da guerra ao contrário de grande parte do continente.

Lowen destaca o quão agradável foi aquela época, vivendo numa cidade, Genebra, que fora uma das poucas capitais poupadas pela guerra. Foi lá também que concebeu seu filho único, Fred Lowen, pois no retorno aos Estados Unidos sua esposa Leslie estava grávida de oito meses.

Wilhelm Reich: impacto, envolvimento e apagamento

A forma como descreve o impacto de seu encontro com Reich em sua biografia, faz com que o leitor da obra fique certamente confuso com o personagem de Alexander Lowen, em termos até bioenergéticos, uma vez que se trata de uma técnica que, como ele próprio descreve, realiza conexão entre o corpo e as emoções.

Ao relatar sua admiração inicial com Reich, Lowen traz desde suas impressões muito positivas de como o médico e psicanalista austro-húngaro interpretava as teorias freudianas, até certa admiração pelo envolvimento e interpretação social dos sintomas trazidos por Reich em seus discursos.

Outro ponto relevante é a experiência terapêutica de Lowen com Reich, de onde claramente tirou o substrato de sua teoria da Análise Bioenergética, que viria a criar anos mais tarde, partindo muito de sua experiência terapêutica com Reich. Em sua primeira sessão com seu professor e analista, Lowen relata a surpresa que teve ao expressar um grito que jamais acessou, e relata o como aquilo foi um prenúncio sobre...“como precisava liberar recordações e sentimentos reprimidos. Quando saí do consultório, tinha consciência de que seria necessário enfrentar o desconhecido dentro de mim” (p. 49).

Outro fato bastante importante trazido por Lowen, hora com mais ênfase, hora com menos destaque, foi apontar que, entre seus desejos ao iniciar sua terapia com Reich, estava o de tornar-se famoso. Essa é uma questão que vai e volta em sua biografia ou prefácios de seus livros e aqui vale nos situarmos acerca desse pedido que aparenta certa inocência

ou, para alguns ambição, uma vez que o cenário vivido naqueles tempos nos Estados Unidos era de uma efervescência industrial devido ao modelo de produção e reprodução social. Se na primeira parte deste relato sobre Alexander Lowen recorreremos aos apontamentos historiográficos materialistas-dialéticos de Walter Benjamin, com seu conceito de relatar “a história à contra pelo”, desta vez podemos colocar os escritos de outros frankfurtianos, Theodor Adorno e Max Horkheimer, por meio da abordagem que ficou conhecida como teoria crítica, mais precisamente no que diz respeito à questão da “Indústria Cultural”.

Apontar o conceito de “Indústria Cultural” tem como objetivo dar contorno à ideia de fama, disseminada à época do encontro de Lowen com Reich. Isso devido às mudanças culturais que foram detectadas e descritas, especialmente pelos dois pensadores alemães (Adorno e Horkheimer), na obra “Dialética do Esclarecimento”, onde eles criam e apontam tal terminologia. Seria, segundo a teoria crítica, a indústria cultural uma aceleração e direcionamento para as massas de uma cultura que deixa de ser pertencente à determinada classe e passa a operar em forma de domínio sobre um contingente cada vez maior de cidadãos, tornados consumidores.

É também dessa época a consolidação na indústria cultural dos primeiros modelos de super-heróis, descritos primeiro nas revistas em quadrinhos e semanários norte-americanos, como Batman, Homem-Aranha e Superman. A elevação do rádio e do audiovisual, os galãs do cinema e toda uma cultura que emerge para o indivíduo, dá a possibilidade de um pensamento acerca da fama como o auge a ser almejado pelo cidadão médio daquele período.

Mesmo em contraposição ao termo de indústria cultural, uma vez que podemos trazer mais complexidade aos acontecimentos, como feito por Umberto Eco, em “Apocalípticos e Integrados” e outros autores que criticaram a terminologia de Adorno, que descreve uma indústria voltada para as massas em termos de criação, é importante situar como tempo histórico vivido por grande parte da sociedade no Ocidente, em especial a norte-americana.

Toda essa visão nos traz de volta à compreensão de um imaginário que Lowen possivelmente esboçava em termos de alcance da fama por meio de seu futuro trabalho como médico e analista, a partir de seu aprendizado e ganhos acerca de autoconhecimento com as técnicas que Reich lhe ensinava e também aplicava em sessões terapêuticas.

Fora o impacto causado em Lowen com a descoberta dos métodos de uma análise por meio de uma compreensão de unidade mente-corpo, Reich foi uma figura tida pelo criador da Análise Bioenergética, com bastante apreço, como traz em sua descrição.

“Fui um rapaz muito constrangido, sentia vergonha do passado e era incapaz de encontrar meu lugar no mundo. Conhecer Reich e passar por seu trabalho mudou essa perspectiva. Sentia a necessidade de construir uma base mais sólida em minha personalidade, base que pudesse sustentar uma auto-imagem mais forte. Sentia a necessidade de crescer e me tornar um homem mais viril. Reich mudou minha vida.” (p.53)

Algumas questões que ficam acerca de tal cenário retratado, é como um relato biográfico feito décadas depois e tão afastado de certo calor do momento, não conta nem sequer com um cenários sobre as perseguições sofridas por Reich pelo Food and Drug Administration (FDA), departamento responsável pela regulação médica à época? Tudo isso, em pleno movimento do macarthismo, vivido nos Estados Unidos, e que também nem é citado por Lowen.

Embora em livros e relatos presentes na historiografia da Análise Bioenergética possa haver mais apontamentos acerca de tais períodos que não poderiam jamais passar em branco numa tentativa de historicizar-se, como feito por Lowen em sua biografia, muito do que é presente, ao analisar tal obra, é o fato de, como descrito anteriormente sobre o caso suíço, Lowen se manteve à parte de qualquer envolvimento que pudesse lhe trazer algum desvio do foco principal, que era o de tornar-se médico e aplicar uma terapêutica que havia aprendido com Reich.

Sobre o mais que destacado papel de Reich, descrito pelo próprio Lowen, o que vai ficando como impressão é um progressivo apagamento deste importante personagem na vida do criador da Análise Bioenergética. Não um apagamento por completo, mas uma certa indiferença àquilo com o que Reich até hoje é preservado historicamente: seu grande papel na psicologia social, na política de saúde pública e em termos mais críticos e políticos que envolve uma terapêutica comprometida não com um indivíduo de sucesso, mas com um sujeito humano, coletivo e social.

Ao que se encaminha...

Essa segunda parte procurou fazer um relato a partir de temáticas históricas desse período tão importante para ser relatado de forma mais ampla para nossa comunidade. No que teremos um encaminhamento a uma terceira e última parte, descrevendo a jornada das obras de Alexander Lowen e os contextos sociais de época de tais escritos.

Esse trabalho é uma pequena contribuição para que possamos completar um contexto mais amplo, sobre o qual a Análise Bioenergética possa se apoiar em termos sociais, não apenas focada em modismos ou organicidade e tautologias que limitem a experiência de viventes de um mundo tão complexo e de infinitas possibilidades de expressão para os corpos.

Referências:

- LOWEN, Alexander. Uma vida para o corpo: autobiografia de Alexander Lowen. São Paulo: Summus, 2005.
- PAIVA, Odair da Cruz. Migrações internacionais pós Segunda Guerra Mundial: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. Marília: UNESP, [s.d.].
- PEREIRA, Valéria Sabrina. A neutralidade suíça em xeque nas obras de Christian Kracht e Friedrich Dürrenmatt. [S.l.: s.n.], [s.d.].
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- REICH, Wilhelm. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 2001.